

CERAMISTAS DE COQUEIROS: A ANDRAGOGIA, A PRÁXIS E OS SABERES SIGNIFICATIVOS EM UM CONTEXTO ETNOEDUCACIONAL

*Marineide Leite Marques(SEC-BA)**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4782-1175>

*Jorge Alberto dos Santos Santana(UNEB)***

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9124-9650>

*Rubem Pereira Santos Júnior (UFRB)****

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9389-2639>

*Leliana Santos de Sousa (UNEB)*****

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6979-4617>

RESUMO

Coqueiros é um distrito de Maragogipe que chama a atenção pela grande diversidade cultural. O estudo apresentado neste artigo teve como objetivo principal oferecer elementos discursivos que contribuam para as práticas educativas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos em um contexto étnico, vinculado à reminiscência e à ancestralidade negra e indígena no trabalho das ceramistas. Entre os seus objetivos específicos incluem-se: investigar os saberes produzidos nas vivências das ceramistas, em sua atividade laboral; estabelecer diálogos entre os saberes dos práticos e os saberes da escola; revelar o movimento de ação e reflexão das ceramistas na produção desses saberes e sua vinculação com o trabalho, a cultura e a escolarização de jovens e adultos. O trabalho investigativo teve como ponto de partida uma inquietação centrada na seguinte questão: Como a andragogia pode contribuir para a práxis freiriana na construção de uma aprendizagem

* Professora da Educação Especial do Centro de Apoio Pedagógico (CAP) de Feira de Santana (SEC-BA). Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela MPEJA/UNEB. E-mail: marineideleitemarques@gmail.com

** Professor de Matemática no Colégio José de Anchieta em Feira de Santana, Bahia. Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela MPEJA/UNEB. E-mail: betofsa@hotmail.com

*** Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Radiojornalista da Rádio Paraguassu FM de Cachoeira, Bahia, e do site www.diariodanoticia.com, do Recôncavo Baiano. E-mail: rubem1junior@yahoo.com.br

**** Doutora em Ciências da Educação pela Université Vincennes Saint-Denis Paris 8, França. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional (GEEDR/UNEB/CNPq). Diretora e pesquisadora do Centro de Pesquisa, Educação e Desenvolvimento Regional (CPE-DR/UNEB). Docente permanente do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA/UNEB) e do Doutorado Multi-institucional e Multirreferencial em Difusão do Conhecimento (DMMDC). E-mail: lelisousa@uneb.br

significativa na EJA? O percurso metodológico de pesquisa qualitativa abriu espaço para uma trama de possibilidades, delineadas de forma etnográfica, instrumentalizada pela observação, diário de campo e entrevista. O resultado mais relevante foi a verificação da maneira como a cultura indígena/negra forma os atores sociais da comunidade, através de práticas ancestrais e a descoberta da origem das ferramentas necessárias ao desenvolvimento de sua atividade laboral. Foi possível concluir que os conhecimentos da comunidade, forjados por uma cultura enraizada, configuram a sua formação étnica e revelam-se como espaço identitário, e não só podem estar alinhados com o conhecimento escolar, mas devem ser o ponto de partida para novos e significativos saberes.

Palavras-chave: ceramistas de Coqueiros; andragogia; práxis; conhecimento significativo.

ABSTRACT

COQUEIROS CERAMICISTS: ANDRAGOGY, PRAXIS AND MEANINGFUL KNOWLEDGE IN AN ETHNOEDUCATIONAL CONTEXT

Coqueiros is a district of Maragogipe, which draws attention for its cultural diversity. This study aims to present discursive elements in favor of educational practices to Youth and Adult Education in an ethnic context, related to black and indigenous memory and ancestry in the ceramists work. The specific objectives for this research are: investigate the knowledge produced in the experiences of ceramists in their work; establish dialogues between the practical and school knowledge; to express the movement and action of ceramists in the production of this knowledge to relate work, culture and schooling of young and adult people. This investigation had as its starting point the following issue: How do the andragogy contributes to the Freirean praxis in the development of a meaningful learning in YAE? The methodological approach applied was the qualitative research, which led to several possibilities outlined by the ethnographic research throughout observation, field journal and interview. The most relevant result is the verification of how indigenous / black culture constitutes the development of social actors in the community, through ancestral practices and the origin of the necessary tools for the development of their working activity. We conclude that, the community knowledge forged by a rooted culture, constitutes its ethnic formation and contributes as an identity space, which not only is aligned with school knowledge, but also is the starting point for new and significant knowledge.

Keywords: Coconut palm potters; andragogy; praxis; significant knowledge.

RESUMEN

CERAMISTAS DE COQUEIROS: ANDRAGOGÍA, PRAXIS Y CONOCIMIENTOS SIGNIFICATIVOS EN UN CONTEXTO ETNOEDUCATIVO

Coqueiros es un distrito de Maragogipe, que llama la atención por su diversidad cultural. En este estudio se pretende presentar elementos discursivos a favor de las prácticas educativas dirigidas a la educación de jóvenes y adultos en un contexto étnico, vinculado a los remanentes y a la ascendencia negra e indígena en el trabajo de los alfareros y a través de objetivos específicos como: investigar los conocimientos producidos en las experiencias de los alfareros en su actividad laboral; establecer diálogos entre los conocimientos de los practicantes y los conocimientos de la escuela; expresar el movimiento de acción y reflexión de los alfareros en la producción de estos conocimientos para vincularlos al trabajo, a la cultura y a la escolarización de jóvenes y adultos. Esta labor de investigación se desarrolla a partir de la preocupación que seguía centrada en la siguiente pregunta: ¿cómo puede la andragogía contribuir a la praxis freiriana en la construcción de un aprendizaje significativo en el EJA? El camino metodológico está bajo la interpelación cualitativa de la investigación, que también permitió una trama de posibilidades metodológicas, esbozadas por la investigación etnográfica instrumentada por la observación, el diario de campo y la entrevista. El resultado más relevante es la observación de cómo se constituye la cultura indígena/negra, la formación de los actores sociales de la comunidad a través de prácticas ancestrales y el origen de las herramientas necesarias para el desarrollo de su actividad laboral. Concluimos que el conocimiento de la comunidad forjado por una cultura arraigada, configura su formación étnica y contribuye como un espacio de identidad, que no sólo se puede alinear con el conocimiento de la escuela, sino que debe ser el punto de partida para un conocimiento nuevo y significativo.

Palabras clave: Cocoteros alfareros; andragogía; praxis; conocimientos significativos

INTRODUÇÃO

Na convivência de aproximadamente quatro anos com a comunidade ceramista de Coqueiros, emergiu o desejo de permanecer dialogando com os atores sociais investigados na pesquisa que subsidia este artigo. Foram obtidos alguns resultados, e deles afloraram novas discussões e desdobramentos para outras temáticas, alinhadas com as observações sobre os saberes étnicos como ve-

tores dialógicos entre a andragogia¹ e a praxis² freiriana, numa perspectiva vinculada

1 Teoria, método e prática para ensinar adultos. Do grego *andros*, “adulto” + *gogos*, “ensinar”; andro + pedagogia (<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>).

2 Atividade ou situação concreta que se opõe à teoria; prática. Utilização de uma teoria ou conhecimento de maneira prática (<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>).

ao trabalho e ao ensino nas turmas da Educação de Jovens e Adultos. Iniciamos fazendo uma reflexão acerca das terminologias “adaptação” e “adequação”³, que se aplicam ao nosso cotidiano de educadores. Muitas vezes, diante das nuances entre os significados dessas palavras, corremos o risco de enveredar por princípios gerais que não se aplicam às singularidades e especificidades dos educandos.

Ao dialogar com essas especificidades, verificamos a vastidão de sentidos e significados entre os saberes produzidos e os sujeitos que os produzem. Percebemos que é muito comum, ao pensarmos em metodologia dos processos educativos, não nos darmos conta da importância de um aspecto essencial: diferenciar como ensinar crianças e como ensinar adultos. Muitas vezes, realizamos adaptações, criamos atalhos nas nossas práticas, com a finalidade de adequar, o nosso fazer educativo voltado para as crianças, às necessidades dos adultos.

Malcon Knowles (1970), teórico do método andragógico, observa que as especificidades do adulto, como sua independência, sua autonomia, sua motivação e outras características que o diferenciam de uma criança no processo de aprendizagem, nos levam a refletir sobre a adequação desse método nas ações pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Numa percepção entre saberes significativos da andragogia e da práxis freiriana temos a construção dos saberes, que reverberam do cotidiano dos adultos, num movimento de ação e reflexão sobre o ambiente

3 Adaptação: integração de uma pessoa ao ambiente em que se encontra: a adaptação escolar de uma criança. Esforço para realizar essa integração: a inteligência humana está em constante adaptação. Adequação: ajuste; adaptação em relação a alguma coisa: as calçadas necessitam de adequação (<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>).

em que vivem e as relações sociais vinculadas ao trabalho, à cultura e à escolarização.

A andragogia diferencia-se da pedagogia⁴, que tem como foco o ensino voltado para a educação das crianças. Na andragogia, o foco é a educação de adultos, independentemente do nível de escolarização.

O propósito deste artigo resultante de pesquisa é contribuir com elementos discursivos para as práticas na Educação de Jovens e Adultos, em um contexto étnico, vinculado à remanescência e à ancestralidade negra e indígena no trabalho das ceramistas, questionando: Como a andragogia poderá contribuir para a práxis freiriana na construção da aprendizagem significativa na EJA?

Foi adotada uma abordagem de investigação qualitativa de caráter descritivo, delimitada pela pesquisa etnográfica, através de procedimentos como a observação, o diário de campo e a entrevista. Como aporte teórico metodológico, este estudo foi alicerçado em Minayo (2010), Goldenberg (1997), Kohn (2014), Freire (2002), Sousa; Galvão e Santos (2014), Lyra (1996), Carneiro e Jesus (2009), Malinowski (1978), Knowles (1970), Martins (2013), Almeida (2003), Lyra (1996), Ausubel (1963; 1968), além da LDBEN nº. 9.394/1996 e da Leis nº. 10.639/2003 e nº. 11.645/2008.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No estudo foi adotada a abordagem qualitativa como suporte metodológico. Segundo Minayo (2010), essa abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondente a um espaço mais profundo das

4 Ciência cujo objeto de análise é a educação, seus métodos e princípios; reunião das teorias sobre educação e ensino (<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>).

relações entre os processos e os fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

De acordo com Goldenberg (1997), os pesquisadores qualitativos rejeitam a aplicação do modelo positivista ao estudo da vida social, uma vez que, neste, o pesquisador não pode fazer julgamentos. Diante disso, justifica-se a escolha da abordagem qualitativa no trabalho aqui apresentado, pela possibilidade de recorte mais aproximado entre o objeto e o pesquisador e pelo fato de que a opinião do pesquisador pode integrar-se à pesquisa, contrapondo-se a uma visão positivista, que engessaria e dificultaria a relação entre pesquisador e pesquisadas e uma melhor compreensão do objeto no contexto das ciências sociais. Na pesquisa qualitativa o pesquisador assume dupla função: ao mesmo tempo é sujeito que interroga e é interrogado pelo objeto, condição imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

Nessa abordagem qualitativa escolhemos a pesquisa etnográfica, por ser pertinente às vivências e trocas de experiências com a comunidade ceramista, seus saberes e suas ancestralidades, que reverberam a importância do conhecimento dos práticos, dialogando com o pesquisador na relação entre sujeito/objeto no contexto da pesquisa.

O problema central da pesquisa pelos práticos torna-se construção dos posicionamentos do pesquisador e das suas relações com o sujeito/objeto de pesquisa. Tirar partido de sua posição específica em um processo de pesquisa exige uma lucidez e um rigor metodológico que permitem construir e reconstruir constantemente o equilíbrio frágil em três fins, ajustá-los com justeza e pertinência em todo momento – na medida do possível. E, ao reconhecer esses três fins como preocupações de todos os atores, além de mero pesquisador, esse modo de produção de conhecimentos. (KOHN, 2014, p. 241)

Neste artigo, buscamos relacionar a Educação de Jovens e Adultos e o cotidiano do trabalho no contexto da andragogia e da práxis freiriana para a construção de uma aprendizagem significativa, evidenciando o processo de pesquisa do cotidiano da comunidade ceramista, abordando as experiências e a influência da educação de adultos no convívio da comunidade.

Através dos instrumentos metodológicos que alicerçaram a abordagem qualitativa, tais como observação, diário de campo e entrevista, buscamos referendar as relações etnoeducacionais e o trabalho das ceramistas, numa perspectiva da práxis freiriana, apoiada pela andragogia, para a construção de uma aprendizagem significativa.

É importante salientar que os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa etnográfica situados neste artigo enfatizaram a ancestralidade/remanescência indígena e negra na cerâmica produzida em Coqueiros, bem como as relações entre escolarização e trabalho, focando a andragogia como viés para uma práxis educativa significativa para os educandos da EJA.

No estudo utilizamos a técnica da observação e os registros no diário de campo. Esses instrumentos começaram a ser usados no início do século XX, a partir do trabalho de campo desenvolvido por Malinowski (1978). Essa nova forma de fazer etnografia, através da observação participante e dos registros no diário de campo, marcou a história da antropologia moderna.

Considero as técnicas de observação tanto como meios para nomear, ordenar, objetivar os fenômenos observados. Isto em contraste com o uso mais especializado, que os considera como armas para assegurar a descrição objetiva dos fatos. (KOHN, 2016, p. 99)

Nessa perspectiva, Kohn (2016) afirma que toda técnica e observação visa a siste-

matização, a organização metódica do que acontece entre aquele que observa e aquele que é observado. Assim, o emprego de uma técnica assegura e controla a distância entre observador e observado, que varia de acordo com o instrumento utilizado.

A técnica de observação utilizada na pesquisa intercambiada pelo olhar do observador e do observado faz aflorar a interatividade entre ambos, e os resultados permitem confrontar pontos de vista diferentes, balizados por desafios que, segundo Kohn (2016), envolvem status desiguais, forças históricas condicionantes, linguagens restritivas, entre outros. A inovação introduzida por Malinowski (1978) e desenvolvida pelas gerações de antropólogos que se sucederam visa a promoção da interatividade direta no lidar com a alteridade, gerando desdobramentos entre realidades e cotidianos observáveis.

No estudo apresentado neste artigo, por meio da pesquisa etnográfica, em que instrumentos como a observação, o diário de campo e a entrevista proporcionaram uma aproximação entre o objeto de estudo, que é a cerâmica de Coqueiros, e a produção material e simbólica no fazer tradicional, envolvendo saberes potencializadores de pertencimentos étnicos, no contexto da etnoeducação, e a perspectiva da práxis freiriana, numa relação dialógica entre a andragogia e a aprendizagem significativa. Através da interlocução entre observador e observado, sugerimos novos olhares para as práticas educativas na EJA.

O LÓCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Coqueiros é um distrito do município de Maragogipe no Recôncavo Baiano. Lugar de pessoas simples, de pescadores, marisqueiras e ceramistas. A pesquisa permitiu um

refino no olhar sobre os conhecimentos e os saberes ancestrais dessa comunidade com foco na cerâmica produzida pelas mulheres. Com a matéria-prima existente na localidade, sem o uso de torno de cerâmica ou de outras ferramentas diferentes gerações, que se sucedem ao longo do tempo praticam os mesmos processos artesanais indígenas na confecção de peças usadas como utensílios domésticos com função decorativa ou litúrgica no Axé.

O distrito de Coqueiros é o lugar do estudo apresentado neste artigo. Focamos o nosso olhar no Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição e nas mulheres ceramistas, protagonistas do trabalho das “louças”, vetor econômico local e condutor do viés ancestral indígena e afrodescendente do Recôncavo Baiano. Centramos a pesquisa na produção econômica das ceramistas de Coqueiros e nos seus saberes ancestrais, num contexto etnoeducacional na EJA.

Em Coqueiros, os saberes dos práticos têm como protagonistas as mulheres, que disseminam a arte da cerâmica de geração em geração. Trata-se de um grupo de quarenta mulheres que dedicam a maior parte do seu tempo a essa atividade que gera renda e garante o sustento de suas famílias. As atividades de trabalho das mulheres de Coqueiros também envolvem a prática de catar mariscos nos momentos de maré baixa.

Com as mãos cheias de calos e com dores nas costas, devido à atividade de moldar o barro, que exige a permanência de muito tempo em uma mesma posição, elas “se divertem, quando podem, nos sambas de roda do recôncavo” e dizem que, mesmo quando estão trabalhando, “a cantoria, a música, a dança, o gingado do corpo relaxam as tensões da árdua tarefa”.

As mulheres ceramistas de Coqueiros produzem com as mãos e o barro peças de cerâmica carregadas de simbologia e vinculadas ao trabalho tradicional. Nos seus processos do fazer artesanal, elas deixam registrada a resistência étnica indígena, que de geração em geração luta para manter-se como fonte de renda e vitrine cultural através do trabalho, viés gerador de pertencimento étnico.

Levar o conceito antropológico de cultura, fazendo distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. A cultura como acréscimo que o homem faz ao mundo que ele não criou. A cultura como resultado do seu trabalho e de seu esforço criador e recriador. O homem, a afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto. (Lyra, 1996, p. 50)

Desse modo, a cultura assume um significado valorativo que orgulha os descendentes dessas ceramistas e os inspira a dar continuidade à herança imaterial de tornar-se, com honra e dignidade, os principais sujeitos do fazer ancestral. Percebemos, então, a necessidade de uma escola capaz de pensar o sujeito numa dimensão humana e em contato direto com sua realidade e suas ações cotidianas. Nesse sentido, tornam-se necessárias ações que valorizem as práticas do mundo do trabalho, particularmente aquelas que permitam prover o sustento de quem as realiza para que reverta em benefícios compensadores para essas trabalhadoras.

ANDRAGOGIA, APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

A educação de adultos requer mais que métodos de ensino e material pronto e acabado, numa adaptação e/ou adequação de conteúdos que muitas vezes não consideram os saberes prévios dos educandos,

que devem ser trabalhados e valorizados no processo de escolarização, ampliando as ações educativas que promovam aprendizagens significativas. Por isso, neste artigo focamos a perspectiva de valorização dos saberes tácitos como viés condutores de emancipação e a aprendizagem significativa como força motriz que aproximam a escola e a comunidade.

A aprendizagem significativa, proposta há mais de quarenta anos, traz a visão cognitiva clássica de Ausubel, da década de 60, que ainda se mostra como proposta interativa para o desenvolvimento da aprendizagem. Nesse aspecto, o núcleo firme é a interação cognitiva não arbitrária e não literal entre o novo conhecimento, potencialmente significativo, e um conhecimento prévio, relevante, o chamado subsunçor existente na estrutura cognitiva do aprendiz (AUSUBEL, 1963; 1968).

Os pressupostos da teoria da aprendizagem significativa desse autor e do método Paulo Freire (2002) ressaltam a importância da reflexão a respeito da dinâmica entre o ensino e a aprendizagem, processo em que os sujeitos: o professor e o aluno pronunciam-se para desenvolver relações significativas de aprendizagem.

O conceito da teoria da aprendizagem significativa revela-se essencial para compreender e valorizar os saberes prévios, entre eles, os saberes tácitos dos educandos, que na Educação de Jovens e Adultos são como vetores que sinalizam para uma relação de aprendizagem significativa, moldada e elencada nas práticas relacionadas ao trabalho e ao cotidiano dos alunos.

Martins (2013), em discussões acerca da educação de adultos, numa perspectiva da andragogia como possibilidade de ensinar a essas pessoas, considerando as suas especificidades, independência, autonomia,

motivação, sugere uma didática voltada especificamente para jovens e adultos, em contextos educativos muito heterogêneos e diversificados.

A palavra “andragogia” deriva do grego: “andros”, adulto, e “gogos”, educar. É entendida como a arte ou a ciência que adota as melhores práticas para orientar adultos a aprender, considerando a sua experiência de vida como a mais rica fonte de aprendizagem, de modo que sejam motivados a realizá-la levando em conta suas experiências, suas necessidades e seus interesses.

Relacionar a aprendizagem significativa de Ausubel e a andragogia de Knowles pressupõe um construto educacional que busca compreender o adulto, orientá-lo para a resolução de problemas e tarefas na vida cotidiana, de modo a potencializar habilidades e competências balizadas no contexto da diversidade na Educação de Jovens e Adultos.

O modelo andragógico nos ensina a ensinar partindo do “ser” professor. Numa linguagem acessível e didática, reflete sobre saberes necessários à prática educativo-crítica fundamentados numa ética pedagógica e numa visão de mundo alicerçadas em rigor, pesquisa, criticidade, risco e humildade, bom senso, disponibilidade [...] molhadas de esperança [...] Autonomia que faz parte da própria natureza educativa. Sem ela não há ensino nem aprendizagem. (FREIRE, 2002)

Dialogar com os saberes das ceramistas de Coqueiros, através das suas remanescências/ancestralidades étnicas, reveladas no trabalho e na cultura, permitiu constatar a importância da andragogia como aporte para uma aprendizagem significativa no contexto da diversidade étnica.

Segundo Knowles (1970), o modelo andragógico é baseado em experiências e reflexões de mais de uma década dedicada à docência na EJA, e é diferente do modelo pe-

dagógico, em que as técnicas didáticas são usadas para ensinar crianças e adultos.

A andragogia busca compreender o adulto a partir de todos os componentes humanos, como um ser biológico e social, enquanto a aprendizagem significativa aponta para uma visão cognitivista, que considera o subsunção como um conceito, uma ideia, uma proposição; já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz e que serve de “ancoradouro” para uma nova informação contribuindo para que se atribua significado a ele.

Para Freire (2002), o importante é que o adulto compreenda o que está sendo ensinado e saiba aplicar no seu cotidiano o conteúdo aprendido na escola.

No estudo aqui apresentado, centrado nas questões étnicas que envolvem a Educação de Jovens e Adultos, o trabalho das mulheres ceramistas de Coqueiros revelou-se como expoente da cultura e do pertencimento étnico, ressaltando a importância de compatibilizar as práticas educativas da escola com os saberes tácitos da comunidade.

As investigações e observações realizadas no estudo trazem a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2003), que enfatiza a assimilação de novos conceitos e proposições na estrutura cognitiva prévia do aprendiz como base para a construção de novos significados; o método andragógico de Knowles (1970, que considera os fatores biológicos e sociais na aprendizagem dos adultos; e o método Freire (2002), que dialoga com essas duas teorias no contexto da educação emancipatória, salientando a práxis como norteadora da aprendizagem na educação de adultos.

Em Freire (2002), a práxis é um modo de compreender a existência a partir da relação entre subjetividade e objetividade, entre ação e reflexão, o que sinaliza o pensamento pedagógico. Ela possibilita relacionar a hu-

manização e a educação, num contexto em que os diversos atores sociais são motivados para a reflexão e busca de mudanças no espaço em que vivem e em si mesmo.

No universo pedagógico, o conceito de práxis remete à capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as necessidades geradas por ele mesmo.

Uma teoria pedagógica baseada na práxis e na dialética deve levar em conta a vivência das condições identitárias do ser humano e a sua disposição à educabilidade. Nessa dimensão destacamos em Freire (2002), a educação vinculada às concepções de consciência e conscientização; criticidade, prática da liberdade, dialogicidade e politicidade.

Percebe-se que os conceitos do humano e da educação trilharam um caminho de desenvolvimento e reformulações, e mostra-se necessário um diálogo em torno da interculturalidade, sinalizando a importância da práxis para uma educação emancipatória, em que os diversos atores sociais sejam protagonistas do seu processo educativo, através do intercâmbio entre os saberes tácitos e os saberes acadêmicos, para que de fato ocorram aprendizagens significativas.

RESULTADOS

No trabalho apresentado neste artigo, emergiram discussões em torno da andragogia e de sua relevância para a educação emancipatória proposta por Paulo Freire (2002), por meio da práxis, num contexto étnico, em diálogo com a importância da aplicabilidade da legislação educacional respaldada nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que determinam o ensino da história e da cultura dos afrodescendentes e indígenas na educação básica brasileira.

Em busca de respostas para a problematização abordada no estudo que realizamos,

e para alcançar o objetivo central de apresentar a cerâmica de Coqueiros, tanto como instrumento de aprendizagem significativa, quanto contribuir para as práticas educativas no contexto do ensino andragógico na EJA foi realizada a primeira entrevista semiestruturada com as ceramistas, com o intuito de compreender a relação entre a escola e o trabalho com a cerâmica.

Cabe salientar que aparentemente há certo distanciamento entre o lugar onde são comercializadas as peças de cerâmica e a escola, apesar desses espaços estarem visual e geograficamente muito próximos. Apresentamos a seguir os dados iniciais recolhidos, que trazem informações sobre essa relação entre o trabalho das ceramistas e a EJA em Coqueiros, na perspectiva de como estão sendo intercambiados os saberes dessas mulheres ceramistas e os da escola.

O estudo partiu do pressuposto da possibilidade da Educação de Jovens e Adultos integrar-se aos processos educativos desenvolvidos a partir de múltiplas dimensões, em consonância com o conhecimento, as práticas sociais, o mundo do trabalho, os embates que envolvem os problemas coletivos, o processo de construção da cidadania, visando o fortalecimento do posicionamento crítico do sujeito em relação à sua realidade. E considerando ser o público da EJA formado fundamentalmente de jovens e adultos trabalhadores, e essa é a principal característica das ceramistas de Coqueiros.

Ressaltamos que as primeiras observações e entrevistas para a obtenção dos dados implicaram constantes visitas à comunidade permitindo obter várias informações, algumas apresentadas a seguir.

A pesquisa permitiu verificar que, entre as seis ceramistas matriarcas entrevistadas, quatro frequentaram a escola. Todas afirmaram que os professores nunca abor-

daram em sala de aula temas relacionados ao trabalho com a cerâmica. Duas dessas ceramistas não se declararam alfabetizadas. Uma delas relatou que não frequentou a escola quando criança, o que leva a supor que o fez apenas quando adulta. As nove ceramistas mais jovens (filhas, sobrinhas e afilhadas da matriarca) revelaram níveis de escolarização entre o ensino fundamental e o ensino médio. Ao serem questionadas sobre a escola e os saberes da comunidade, todas declararam que a escola não tratou de questões relacionadas ao trabalho da cerâmica. Fica evidente o distanciamento entre as temáticas abordadas na escola e essa atividade profissional tão expressiva na localidade.

De um grupo de 40 ceramistas, 15 (ou seja, 35%) participaram da pesquisa, e os resultados apontam a baixa escolarização do grupo; desses apenas as 5 ceramistas mais jovens cursaram o ensino médio; nenhuma delas tem curso universitário, o que já havia sido detectado por Carneiro e Jesus (2009) o que se reafirma em nosso estudo.

Entre as 15 ceramistas entrevistadas, duas delas, uma com 70 anos de idade, a outra com 99 anos, trabalham há mais de cinquenta anos na produção de cerâmica e declararam não ter frequentado a escola. Tanto uma como outra revelaram que precisaram trabalhar desde cedo para ajudar a sustentar os irmãos menores e por esse motivo não foram para a escola.

Outro aspecto significativo é que as quatro ceramistas com idades entre 30 e 35 anos, que trabalham há mais de quinze anos na produção de cerâmica, admitiram que sabem ler e escrever, mas não têm conhecimentos de matemática e consideram que isso atrapalha o trabalho. Uma ceramista desse grupo disse: “Na hora de vender as panelas... às vezes atrapalha um pouco.”

Observa-se mais uma vez a necessidade de tornar os conhecimentos das práticas profissionais conteúdos dialógicos da aprendizagem na escola.

Em relação às cinco ceramistas que fizeram o ensino médio, todas disseram que o trabalho com a cerâmica é muito cansativo e pouco valorizado, mas, por falta de opção, dedicam-se a essa atividade para ter como se sustentar; duas delas declararam que já são mães e precisam trabalhar para criar os filhos.

Quando o grupo de ceramistas foi questionado sobre a origem étnica da cerâmica que produzem, todas disseram que, segundo informações do Instituto Mauá, ela tem origem indígena. Quando lhes foi perguntado se na escola, em algum momento, foram abordadas as tradições e os saberes ancestrais indígenas que envolvem o trabalho da cerâmica local, as respostas foram: “Não, na escola a gente fala de outras coisas.” “Na escola a gente só fazia o dever... não ficava falando nada.” “Acho que as professoras nem sabem das panelas.”

Ao serem questionadas sobre o que sentem ou pensam quando pesquisadores das universidades procuram saber mais sobre o seu trabalho, responderam: “É bom... a gente se sente valorizada, mas, sei lá, depois eles vão embora e pronto.” “Só acho ruim se quiserem que a gente pare o trabalho.”

Foi perguntado ao grupo, se alguém gostaria de dar a sua contribuição para a escola, levando o saber da comunidade para a sala de aula. Todas as ceramistas responderam que sim, de que gostariam. No caso das perguntas anteriores, algumas não respondiam outras só balançavam a cabeça, num gesto de aprovação às respostas dadas.

Ao conversar com os professores da EJA sobre as questões que envolvem o ensino da história e da cultura afrodescendente e indí-

gena, com respaldo nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, surgiu a necessidade de trazer os dados que foi possível pontuar acerca das temáticas que envolvem a validação das citadas leis no âmbito das ações pedagógicas nas turmas da EJA.

Ao iniciarmos as discussões, falamos da riqueza etnocultural que envolve a cerâmica de Coqueiros, bem como da importância valorizá-la, dando-lhe visibilidade no contexto da escola, promovendo um viés entre os saberes tradicionais da cultura indígena, representados pelas técnicas utilizadas na

produção das peças e pela tradição do fazer e ensinar de geração em geração.

Visando compreender a relação dos professores da EJA com o cotidiano relacionado ao trabalho ancestral das ceramistas, foi elaborada uma entrevista semiestruturada, com o fim de aproximar os posicionamentos dos professores e das ceramistas em relação à questão central do estudo aqui apresentado: a importância dos saberes tácitos das ceramistas, no contexto das ancestralidades negra e indígena, como construto de uma aprendizagem significativa na EJA.

Tabela 1: Informações sobre as mulheres ceramistas e a escola

Número de mulheres	Idade	Escolaridade	Tempo como ceramista	O professor já abordou o trabalho com cerâmica, na escola.
2	70 a 99	Não frequentaram a escola e não sabem ler e escrever	+ de 50 anos	Não se aplica
2	58 a 63	Frequentaram pouco a escola e não sabem ler e escrever	+ de 30 anos	Não
2	50 a 40	Frequentaram pouco a escola e sabem ler e escrever um pouco	+ de 40 anos	Não
4	30 a 35	Ensino Fundamental	+ de 15 anos	Não
5	18 a 23	Ensino Médio	+ ou - 4 anos	Não
15	Total			

Fontes: Dados organizados pelas autoras com base na investigação, 2019.

A relação das ceramistas de Coqueiros com a escola ainda se mostra distante. A pesquisa permitiu constatar que duas ceramistas do grupo de seis entrevistadas nunca frequentaram a escola. Quatro frequentaram, e duas deste grupo não se declararam alfabetizadas. Três afirmaram que os professores nunca abordaram temas relacionados ao trabalho com a cerâmica em sala de aula. Uma delas revelou que não frequentou a escola quando criança, o que leva a supor que tenha feito isso apenas quando adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cerâmica é uma especialização feminina, passa de mãe para filha. As meninas desde cedo ajudam a mãe e acabam por aprender as técnicas. Quando a mãe não sabe, a filha não aprende com outra mulher. As mulheres que se dedicam à confecção da cerâmica são chamadas de louceiras. Há louceiras em todos os núcleos com frequência muito maior na Cacimba Seca, Lagoa Grande e Baixa da Cangalha. (BANDEIRA, 1972, p. 70)

Mulheres ceramistas de Coqueiros produzem com as mãos e o barro peças de cerâ-

mica carregadas de simbologia, vinculadas ao trabalho tradicional. Os seus processos do fazer artesanal repercutem a resistência étnica indígena, que de geração em geração luta para manter-se como fonte de renda e vitrine cultural através do trabalho, viés gerador de pertencimento étnico.

Em conversa com as ceramistas sobre a importância de manter a tradição da produção das “louças”, foi possível observar que as mais velhas aparentam satisfação com o trabalho. As mais jovens não declararam conhecer as cinco etapas da produção; disseram que fazem o brunir ou burnir das peças já prontas, mas não demonstraram interesse em realizar o trabalho das etapas anteriores.

Foi possível detectar a falta de atrativos para as jovens ceramistas desenvolverem todo o processo laboral das peças, desde moldar o barro e transformá-lo em louças prontas para o uso e, principalmente, para a comercialização. Esse é um modo de produção que se diferencia do processo de industrialização em série, pois na produção de cerâmica ressalta a especialização nas diferentes etapas do processo de produção, e não a feitura da totalidade da peça por uma só artesã. Desse modo, parece maior a probabilidade de esquecimento de um fazer artesanal que envolve a cultura ligada à ancestralidade e à resistência étnica da comunidade.

É preocupante para além da perspectiva do consumo e da geração de emprego e renda, do ponto de vista antropológico, aponta o abandono da tradição das mulheres de fazer e ensinar a fazer cerâmica, o que concorre para o desaparecimento de uma cultura ao mesmo tempo artística e de subsistência. A falta de estímulo leva à desistência e à negação do espírito e da mão empreendedora feminina.

No estudo realizado foi possível identificar as relações culturais e as vivências etnoeducacionais, mediante o trabalho ancestral, representado pela cerâmica de Coqueiros, bem como a relação entre as matriarcas e as mulheres mais jovens, pontuada pela divisão de tarefas, num diálogo simbólico em que se evidencia a questão da sobrevivência dessa atividade, pois as matriarcas dominam todas as etapas da produção, e as mais jovens realizam apenas a fase final do trabalho.

Dentro dessa perspectiva material da cerâmica como vetor econômico, emergem questões relacionadas ao trabalho ancestral das mulheres matriarcas e das jovens no contexto de uma comunidade tradicional. E as relações imateriais também vinculadas à produção da cerâmica trazem no seu bojo a interface do saber e do ensinar, como viés de pertencimento étnico e visibilidade cultural.

O estudo permitiu constatar a importância do conhecimento subsunçor proposto por Ausubel (2003) e o dialogismo de Paulo Freire (2002), plausível quando se pensa em uma educação de jovens e adultos que contemple de forma mais ampla um método voltado para ensinar adultos que considere o seu “saber fazer”.

O método andragógico de ensino sinaliza essa possibilidade na relação do professor como tutor e do aluno como aprendiz, traçando rotas para o processo de construção de conhecimentos significativos, e ao mesmo tempo reconhecendo a importância dos conhecimentos tácitos da comunidade como ancoradouro do processo de construção de novas aprendizagens.

Na concepção de Knowles (1970), ressalta a importância do método de ensino voltado para adultos, considerando os fatores biológicos e sociais como premissas para o desenvolvimento da aprendizagem.

Na concepção de Freire (2002), sinaliza a importância da práxis para uma educação emancipatória.

Destaca-se a necessidade de abordar memórias e pertencimentos étnicos no cotidiano das ceramistas de Coqueiros e a relação entre os saberes da comunidade acerca da ancestralidade indígena no trabalho das “louças” produzidas, fio condutor entre os saberes tradicionais da comunidade e os saberes da escola, num viés para a construção de conhecimentos significativos e emancipatórios.

Nesse cenário, percebe-se uma educação emancipatória, baseada em um olhar de equidade sobre os sujeitos envolvidos no processo de construção das identidades étnicas, em que os seus traços culturais são reconhecidos nas suas especificidades. A formação para o desenvolvimento humano e social converge para a sustentabilidade, enquanto ideal da nossa época, traduzindo o anseio coletivo de humanização, democracia e equidade (SOUSA, GALVÃO & SANTOS, 2014, p. 4).

Esse campo de pesquisa possibilitou refletir que embora os espaços da escola e do “ateliê” das ceramistas estejam no mesmo plano físico fazendo parte do mesmo bairro e na mesma quadra, um próximo do outro, existe um hiato de invisibilidade e negação do conhecimento: não só ancestral, mas da história e da vida e trabalho de mulheres de maneira que ressaltamos a necessidade de afirmação da Educação de Jovens e Adultos considerando a expansão territorial direcionada às diferenciações territoriais. E diante do número de mulheres que nunca frequentaram a escola e do analfabetismo que impedem o conhecimento prático profissional, a educação ainda fica alienada como uma renegação da economia. Também esses dados nos alertam sobre a proposição da mul-

tirreferencialidade cultural da formação de professores no sentido da abordagem dos temas relacionados ao trabalho com a cerâmica em sala de aula.

Partindo do pressuposto da teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel (2003) e do método de Paulo Freire (2002), problematizamos a importância das reflexões a respeito da dinâmica entre ensino e aprendizagem, ou seja, esse processo deverá ser mediado também pela andragogia, que sistematiza o ensino diferenciado para adultos, observando suas especificidades e articulando-as para desenvolver as significações de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. As ceramistas indígenas do São Francisco. **Estudos Avançados**. Scielo. São Paulo, v. 17, n. 49, 2003.

AUSUBEL, David. Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Portugal: Paralelo, 2003.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Os Kariris de Mirandela**: um grupo indígena integrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, (Estudos Baianos, 6), 1972.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CARNEIRO, Rildon Carneiro.; JESUS, Santana de

Jesus. **Cultura e economia**: análise das(os) ceramistas de Coqueiros e Maragogipinho. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/inter-na.php?ID_Secao=1. Acesso em: 10 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

KNOWLES, Malcolm Shepherd. **The modern practice of adult education**: andragogy versus pedagogy. New York: Association Press, 1970.

KOHN, Ruth Canter. **Os Desafios da Observação**. Sobre os desafios de nossas maneiras de perceber e de descrever os fatos humanos e uma exploração da observação questionante. Tradução: Leliana Santos de Sousa. Editora CRV. Curitiba: 2016.

KOHN, Ruth Canter. A pesquisa pelos práticos: a implicação como modo de produção dos conhecimentos. In: SOUSA, Leliana Santos de; GALVÃO, Patrícia Carla Smith; SANTOS, Carla Renata Santos dos. (Orgs.). **Saberes, práticas e sustentabilidade**. Indígenas-Afrobrasileiras-Tecnologias sociais. Pesquisa em Educação e

Desenvolvimento Regional (CPEDR). Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 237-53.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1978.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista Educação Popular**. Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 143-53, 2013.

MINAYO, Maria Cecília e Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUSA, Leliana Santos de; GALVÃO, Patrícia Carla Smith; SANTOS, Carla Renata Santos dos. (Orgs.). **Saberes, práticas e sustentabilidade**. Indígenas-Afrobrasileiras-Tecnologias sociais. Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR). Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 237-53.

*Recebido em: 08/12/2020
Aprovado em: 28/02/2021*